



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



RIO DE JANEIRO, 6 DE DEZEMBRO DE 1959

BALANCEANDO A POLÍTICA EXTERNA CONTINENTAL, EM  
REUNIÃO DA COMISSÃO BRASILEIRA DA OPERAÇÃO PAN-  
AMERICANA, NO PALÁCIO ITAMARATI.

Ao aproximar-se a data em que, na hospitaleira capital do Equador, se realizará a Undécima Conferência Interamericana, julgo necessário procurarmos examinar o estado atual da Operação Pan-Americana, e definir alguns dos seus aspectos, pois o nosso movimento vai ter, nessa importante reunião do órgão supremo da Organização continental, a sua etapa decisiva, para entrar enfim na fase de plena atuação de seus objetivos.

853

854 Convém, preliminarmente, que tenhamos bem presente o conteúdo dessa campanha, a sua significação nos dias que correm, os fins que colima. Não sei de outro movimento de opinião no Continente que mais curiosidade e maiores debates haja provocado, não só na América, como em vários países europeus. E, malgrado o “muro de silêncio” que se afirma existir entre a opinião pública dos Estados Unidos e as demais nações do Hemisfério, amortecendo o eco de iniciativas dêsse gênero, começam a surgir sinais de que, mesmo na grande República do Norte, até aqui tão ocupada com seus compromissos globais, a Operação Pan-Americana já desperta curiosidade, interesse e compreensão. Nestes últimos tempos, numerosas manifestações nos têm mostrado que altas figuras da vida pública norte-americana passaram a cogitar seriamente dos temas propostos em nosso exame de consciência coletivo sobre os problemas continentais. Como se apresentam hoje êsses temas, que evolução sofreu a linha política originária da Operação Pan-Americana? Eis perguntas que importa responder, se quisermos saber, nós próprios, nitidamente, o que desejamos. Em primeiro lugar, não se conservaram imutáveis as circunstâncias que deram nascimento à Operação Pan-Americana. Os têrmos políticos da conjuntura experimentaram, como é natural, alteração já bem sensível. Notam-se, na situação política mundial, transformações de certa monta, embora de alcance ainda desconhecido. A perspectiva de uma guerra nuclear altamente destruidora, que, há dois anos, se afigurava iminente, vai por fortuna tomando a figura de hipótese cada vez mais longínqua e improvável, seja por se terem aguçado o instinto de conservação e o bom senso, seja porque tenha de fato aumentado a compreensão entre os homens.

855 Não me parece, contudo, que a visão de novos e auspiciosos panoramas, no quadro geral das relações

entre as maiores potências, tenha invalidado a Operação Pan-Americanana. É lícito afirmar, ao contrário, que nossa cruzada de solidariedade continental ganhou atualidade ainda maior e assenta hoje em dia sobre fundamentos talvez mais sólidos. É que a idéia central da Operação Pan-Americanana consiste em ressaltar o caráter imperioso da luta pelo desenvolvimento, bem como a necessidade de complementar, mediante uma ação conjunta multilateral, os esforços que cada Estado emprega para tal fim no plano interno. Ganhou corpo e criou raízes a convicção de que devemos imprimir novos rumos à vida da família continental, tendo em vista a aceleração do nosso desenvolvimento, a plena mobilização de nossos recursos, a convergência da iniciativa para a obra de redenção de vastas áreas ainda relegadas ao abandono.

Não tiveram as nações latino-americanas a pretensão de lançar uma nova doutrina política, nem muito menos de encontrar fórmulas aberrantes de cooperação internacional. Nas reuniões de delegados das vinte e uma repúblicas, que se verificaram no curso da Operação Pan-Americanana, resultou claro que não cogitávamos de solicitar um auxílio caritativo para o nosso desenvolvimento, e que não nos reunímos para suplicar amparos unilaterais, mas que tínhamos em vista buscar, em conjunto, meios de reforçar eficazmente a ação de cada Estado em prol do desenvolvimento econômico.

As nações latino-americanas deram-se conta de que necessitam de maior objetividade no exame de seus problemas, não bastando para solucioná-los o calor dos debates de natureza ética ou política. Carecemos em primeiro lugar, de uma nova política da qual decorra a articulação e execução de energéticas medidas de natureza concreta. Sabemos, todos nós, que urge acompanhar o ritmo do mundo moderno, que não po-

856

857

demos viver apenas de vagas aspirações, quando temos diante de nós uma grande e bem definida tarefa. Esta há de ser também um ideal, obrigação, ponto de honra e dever. Não mais consentiremos, sem desdouro, que continuem na miséria, vegetando em condições atentatórias aos nossos princípios mais caros de respeito à pessoa humana, êsses milhões de seres que o destino fêz cidadãos do Novo Mundo.

858 Não vejo motivo para retirar uma só palavra do que tenho afirmado a tal respeito, desde o lançamento da Operação Pan-Americana. A nossa verdadeira causa, a causa que nos reclama e congrega, não pode deixar de ser prioritariamente a da nossa prosperidade, a da nossa melhoria, a da libertação de parte considerável de nossas populações ainda privadas dos elementos indispensáveis a uma existência condigna, à altura dos ideais de bem-estar individual e coletivo que inspiram a democracia. Não podemos estar sinceramente integrados em qualquer pensamento, sistema ou linha de idéias que não signifique, ao mesmo tempo, uma garantia para nossa liberdade e um caminho para nessa segurança. Por amarga experiência própria, já nos convencemos de que os países que só podem tirar o seu sustento da extração e comércio de matérias-primas, são países condenados à dependência econômica, à estagnação, a um incerto e perigoso futuro. O Chefe da Delegação brasileira à presente Assembléia Geral das Nações Unidas, Senhor Augusto Frederico Schmidt, falou por direta recomendação minha quando, em discurso perante a Comissão Econômica, afirmou que nossa determinação de promover o desenvolvimento e incrementar o processo de industrialização do país não decorre de uma ambição excessiva, mas da nossa convicção de que estaremos em perigo, como nação, se agirmos de outro modo.

859 Sabemos que, em tôdas as atividades da produção que constituem fontes de divisas, teremos de enfren-

tar as competições de países em que o trabalho é mais bem apoiado mecânicamente, ou recebe remuneração inferior, porque menos livre. Não ignoramos as graves ameaças que pesam sobre nós em razão de uma tecnologia a que não temos ainda acesso e que não reconhece limites às suas possibilidades. Sentimos o risco de não recuperarmos a distância perdida, se nada fizermos para romper os isolamentos nacionais e concertar uma ação unida, que evite a dispersão ou a duplicação inútil de energia. Sabemos, também, que são nossos amigos, exata e exclusivamente, aqueles que compreendem a contingência por que passamos. Não desejamos, de modo algum, nos organizar em bloco fechado, hostilmente competitivo em relação a outros agrupamentos regionais. No que toca ao Governo brasileiro — e não penso incorrer em êrro ao supor seja a mesma a posição de todos os Govêrnos latino-americanos — a Operação Pan-Americana não exclui de modo algum, antes encara com simpatia e interesse, a possibilidade de uma intensificação da cooperação econômica com os países extra-continentais que nos possam trazer contribuição útil contra o subdesenvolvimento. Sabemos tudo o que devemos à Europa e é com justificada esperança que nos damos conta de que o ressurgimento europeu se afirma cada vez mais. Uma vez por tôdas, quero precisar aqui o pensamento do meu país, que me parece conforme aos postulados da Operação Pan-Americana. Somos povos irmãos, cada um, porém, com seus problemas peculiares, suas características inconfundíveis. Desejamos conservar nossa individualidade própria, mas a diversidade não pode e não deve constituir obstáculo à realização de uma obra comum, que será mais fecunda, porque mais livre e consciente. O interesse do pleno desenvolvimento dêste Hemisfério deve, no entanto, resultar de um ideal compartilhado por todos. Juntos, formamos um grande mercado potencial, em contínua expansão; unidos, po-

deremos criar vasta zona de política econômica homogênea e se nos abrirão maiores possibilidades de investimentos para aquisição de técnica em realizações que ultrapassem a capacidade de um só país. Não conheço uma só razão fundada contra a nossa união, dentro do respeito que devemos dispensar uns aos outros, como nações soberanas. Os países mais afortunados do Continente estarão em condições de colaborar no esforço geral com meios de maior envergadura que os dos menos favorecidos; mas a tarefa requer a participação intensa de todos, do maior ao menor. Os maiores e mais fortes econômica e socialmente, os mais desenvolvidos, só terão a lucrar com um processo geral de desenvolvimento harmônico.

860 O que reclama a Operação Pan-Americana para este Continente corresponde a um fenômeno que se está verificando em toda a parte: a concentração de famílias e interesses regionais para um objetivo de promoção econômica e criação de riqueza. Já somos bastante adultos para não aparecermos como o continente da divisão, das divergências, das retaliações, ao passo que, em nosso próprio território, lavram, e ameaçam estender-se como um câncer, os males da estagnação: a fome, a doença, a incultura. Nada mais explosivo, vergonhoso ou revoltante do que verificarmos, por exemplo, que raríssimas regiões do mundo nos podem disputar a primazia em matéria de mortalidade infantil. Sei que há nações em nossa família a salvo dessa dramática situação, mas lanço mão de índices globais, uma vez que analiso os problemas colocando-os no centro, no âmago da solidariedade americana. Os que não estão atingidos diretamente por êsses males, ou pela pobreza dentro de suas próprias fronteiras, estão no palco pelos efeitos de tão nobilitante solidariedade.

861 Quando perguntam, com a intenção de negar ou diminuir a Operação Pan-Americana, o que ela já pro-

duziu, minha resposta é que representaria já ampla justificação do nosso movimento o simples fato de ter despertado o inconformismo, a revolta contra a miséria, o desejo de recuperar o tempo perdido. E não sómente operamos essa profunda mobilização psicológica, como damos os primeiros passos no caminho das medidas concretas. Isso se deve a todos os Governos aqui reunidos e presentes na pessoa de seus enviados diplomáticos e do eminente Chanceler do Equador, que ora nos dá o prazer de sua visita.

Mas não nos haveremos de deter, quando a caminhada apenas se inicia. Muito esperamos da próxima Conferência de Quito, pois tudo indica que os Estados participantes desejam fazer dessa reunião um marco decisivo do novo pan-americanismo. Confio, assim, em que os trabalhos determinados pela Resolução primeira da Conferência dos 21 em Buenos Aires nos permitam chegar a um texto de recomendações básicas para a fase preliminar da nossa luta contra o subdesenvolvimento. Necessitamos de ver objetivamente expostos, por ocasião do encontro de Quito, os males que nos afligem, bem como um conjunto de propostas realizadas para a cura tão almejada.

Não selamos qualquer compromisso, seja de quem fôr, em matéria de investimentos financeiros. Mas temos o direito de esperar que a elaboração do *plano básico do reequilíbrio econômico da América Latina* não deixe de contar, desde já, por parte de todos que estão em condições de fazê-lo, com um apoio de grande envergadura em matéria técnica. Pelo menos nesse terreno, parece-nos natural aguardar que nos ajudem a encontrar êsse caminho. Isto é o mínimo, se quisermos corresponder à ansiosa expectativa dos povos da América.

Antes de concluir, quero dizer-vos que tomei conhecimento, com o mais vivo interesse, do discurso pro-

862

863

864

nunciado no Itamarati pelo jovem e brilhante chanceler do Equador. As observações do Senhor Carlos Tobar constituem mais uma prova do seu descortino de estadista e evidenciam o perfeito acôrdo de pontos de vista entre nossos dois países no tocante aos princípios e obejtivos da Operação Pan-Americana. Estou convencido das boas razões do Chanceler equatoriano quando assinala, em particular, que a cooperação econômica entre os Estados representa um signo marcante desta segunda metade do século. Eis porque a Operação Pan-Americana, ao enfeixar, em torno do tema do desenvolvimento, as aspirações latentes e as reivindicações expressas dos nossos povos, conseguiu despertar adesão unâime e provocar várias reuniões importantes das 21 Repúblicas. Como o Senhor Tobar, penso que devemos preservar o dinamismo de processo e substância que caracteriza a Operação Pan-Americana. Merece a maior simpatia e atento exame a proposta por êle formulada no discurso a que me referi. Parece-me conveniente que o Comitê dos 21, órgão que serve precípuamente aos objetivos do nosso movimento, não encerre as suas atividades antes que as possa deferir a um instrumento igualmente dinâmico. A idéia do Govêrno equatoriano, manifestada pelo seu Ministro do Exterior, é a de emendarmos a Carta da Organização dos Estados Americanos no sentido de que seja o Conselho Interamericano Econômico e Social substituído por um Conselho de Desenvolvimento Econômico, dotado de autoridade executiva e autonomia análoga à do próprio Conselho da Organização.

865      Na reunião do Comitê dos 21 em Buenos Aires, o Brasil e outros países propuseram um projeto de resolução, hoje aprovado pelo Conselho da O.E.A. a fim de que o Conselho Interamericano Econômico e Social sofresse uma reforma destinada a aparelhá-lo às novas responsabilidades ligadas à luta contra o subdesenvol-

vimento. Se a proposta equatoriana de criação de um novo Conselho fôr agradável aos demais países irmãos, o Brasil não terá dúvida em apoiar tal fórmula, certamente mais completa, dando o seu voto favorável a uma reforma da Carta naquele sentido.

Meus Senhores: a Operação Pan-Americana nasceu para unir o Continente, não para criar divisões. Temos também como certo que a maior parcela do esforço em prol do fim comum deverá recair sobre cada país em particular, pois nação alguma poderá superar suas dificuldades e encontrar o caminho redentor, sem que se empregue a fundo nessa tarefa vital. A Operação Pan-Americana é um fruto do amadurecimento da consciência continental e, não, um movimento romântico, generoso, mas ineficaz. Independentemente, livres, mas sempre unidos, conseguiremos acertar o passo com o nosso tempo.

866